

Liberdade e sujeição, o sistema patriarcal sob o olhar de Flora Tristan (1803-1844).

Freedom and subjection, the patriarchal system under Flora Tristan's gaze

Laís Manoela de Medeiros Souza¹

Resumo: O presente artigo apresenta as reflexões de Flora Tristan (1803-1844) a respeito da condição feminina na Europa, principalmente na França, na primeira metade do século XIX, usando como fio condutor para o desenrolar da produção o panorama das mulheres no mundo da educação, da moral e do trabalho. Procura-se, através da análise da fonte, a obra *União Operária* (1843) da autora, e o estudo do contexto histórico da época, explorar o tom crítico de sua escrita e de suas reivindicações, sempre em prol dos direitos e da libertação das mulheres que, segundo ela, eram os últimos escravos da sociedade francesa.

Palavras-chave: Flora Tristan, trabalho, mulher, educação.

Abstract: This present article presents the reflexions of Flora Tristan (1803-1844) about the feminine condition in Europe, mainly in France, on the first half of the XIX century, using as conductor wirer to the progress of this production the overview of woman in the educational, moral and work world. This one tries to, through sources analysis, her work called Labour Union (1843), and the study of the historical context of her lifetime, explore the critical tone of her written and claims, always towards woman's rights and freedom, who, according to her, were the lasts slaves of French society.

Key-words: Flora Tristan, work, woman, education.

Introdução

Nos últimos anos, com o crescimento do movimento feminista e do acesso a essas ideias, ainda muitas vezes preso no mundo cisgênero, a produção acadêmica sobre as mulheres na história tomou força, gerando uma série de estudos e pesquisas sobre grandes mulheres que sempre tiveram suas obras apagadas, tanto durante a produção e a publicação quanto nos períodos posteriores.

Tendo como premissa essa exclusão por parte da historiografia e como objetivo explorar essa história apagada, cheguei à obra e vida de Flora Tristan (1803-1844). Ao procurar obras sobre a autora, encontrei sem muito esforço artigos que exploram alguns aspectos presentes em sua trajetória, como a de mulher viajante, o socialismo e o feminismo, assim como me deparei com livros biográficos de grande qualidade.

Além foi utilizado, para um maior entendimento do contexto de sua vida, a obra *Europa: Restauracion y revolucion* (1815-1848) de Jacques Droz (1993), artigos que tratam tópicos específicos de sua vida, escritos por Amilcar Torrão Filho (2018) e Luna Campos (2017), e a tese de doutorado de María de la Macarena Iribarne Gonzáles (2009).

¹ Graduanda em bacharelado no curso de História da PUCSP. Artigo elaborado para a disciplina de História Contemporânea I – A construção do universo burguês (1ª metade do século XIX). Contato: laismedeirosx@outlook.com.

Flora Célestine Thérèse Tristan y Moscoso, foi uma mulher franco-peruana nascida em Paris no ano de 1803. Seu pai, um aristocrata peruano, morreu quando Flora ainda era criança e, como consequência do édito de desapropriação de bens estrangeiros, posto por Napoleão, sua mãe perdeu todo o patrimônio. Na busca de uma melhora de vida da filha, Flora foi obrigada a se casar com André Chazal em sua adolescência, o qual se mostrou um homem bêbado e violento.

Flora, grávida, diante dos abusos que sofria, abandonou sua casa, mas, diante a “escravidão matrimonial” imposta pelo Código Napoleônico, apenas consegue o divórcio depois do atentado de Chazal contra a sua vida através do disparo de dois tiros.

Como mulher “descasada”, ela se vê na condição de *pária*. A metáfora da *pária* expressa o sentimento de uma estrangeira em sua pátria de nascimento, a mulher que se vê desamparada pela situação política e social de seu país e, ainda, discriminada e sem reconhecimento social devido a todo o preconceito entorno dessa condição. Ao se ver nesse lugar social em seu país de nascimento, Flora vai para o Peru procurando amparo na sua família paterna, mas ali, a mesma condição de estrangeira se reproduz.

No entanto, foi nessa viagem transatlântica ao Peru que possibilitou a produção de *Peregrinações de uma pária* (1838). Nesse relato de viagem, a autora percebeu que a sociedade peruana não podia ser uma alternativa à francesa, pois essa era tão opressora quanto a francesa para as *párias* que lá viviam, deixando como alternativa, ao seu ver, apenas a construção de um mundo novo. Na obra, a autora entende que é imprescindível comparar a liberdade das mulheres indígenas peruanas à das europeias, tomando-se, o país, em um laboratório para a sua formação política.

Ao voltar para a Europa (1834), a liberdade de imprensa oportuniza à Flora mostrar as suas garras com a publicação de artigos em favor dos direitos das mulheres, dos trabalhadores, pelo direito ao divórcio, contra a escravidão e pela abolição da pena de morte. Em viagem para a Inglaterra produz sua obra *Passeios por Londres* (1840), onde explora outras vivências, diferentes daquelas da França e do Peru, como por exemplo, a realidade das mulheres que precisavam se prostituir para sobreviver em meio ao mundo industrial.

Violentada pelo marido e discriminada devido à sua condição de *pária*, a franco-peruana usou de suas experiências pessoais, ainda que de certa maneira privilegiadas - se comparada à das mulheres de outros segmentos sociais, para desenvolver suas obras. Sua vivência a levou a abordar a educação como caminho para a libertação das mulheres, o matrimônio como apropriação da mulher pelo homem e a ideia de que a exploração do proletário e da mulher tem o mesmo opressor, o capitalismo.

O descontentamento com o Código Napoleônico, o empobrecimento da população, a revolta de 1831 em Lyon, a liberdade de imprensa e que lhe permite publicar seus artigos, sua viagem para o Peru e para a Inglaterra serviram como incentivo para a produção de uma de suas obras, que será o principal alvo desse

artigo, intitulada *União Operária*. Publicado em 1843, a autora não encontra um editor que acredite em seu trabalho para publicá-lo, levando-a a contar com a ajuda de amigos colaboradores para dar luz ao livro.

Estruturado em uma parte inicial e mais quatro capítulos, a terceira edição, que é a consultada para o presente artigo (2015), conta com o prefácio, atualizado para cada uma das três primeiras edições, a lista com os amigos colaboradores e, ao final, um resumo das ideias contidas no livro, um apelo e conselho aos operários e burgueses, elaborados pela própria Flora.

A prosa, persuasiva e emotiva, indica de forma clara as críticas de Flora à organização trabalhadores e sua união, e o que poderia ser feito para melhorá-las. Segundo ela, o capitalismo é a base da opressão, tanto dos proletariados quanto das mulheres.

Flora foi a primeira pessoa a relacionar a luta pelos direitos dos trabalhadores com a luta pelos direitos das mulheres, pois, para ela o capitalista estaria interessado em explorar essas duas fatias da sociedade com o mesmo intento. A autora, ideologicamente, teve sua formação influenciada pelos socialistas utópicos, principalmente pelas ideias de Fourier acerca o papel da mulher como trabalhadora.

Em *União Operária*, a fonte que será utilizada nessa produção, a partir da concepção do opressor em comum, Tristan frisa que o instrumento mais efetivo para a transformação social é uma união, um exército, de trabalhadores sem vínculos religiosos e pacífico. Homens e mulheres participariam de forma completamente igualitária e, através da pressão social, da persuasão e de alguns instrumentos legais, a raiz de todos os males que os atingiam, praticados e apoiados pelo sistema capitalista, seria transformada.

No seu último ano de vida, 1844, os trabalhadores de Paris se unem para arrecadar dinheiro o suficiente para uma reedição do livro. Flora morre em Paris neste mesmo ano, com o diagnóstico de febre tifoide².

Agora, com a exposição rápida da vida de Flora e de suas obras de clara importância para lutas sociais, surge a questão: apesar da relevância de seus escritos, pode uma obra literária ser utilizada como documento histórico? Ao pensar uma fonte literária como pesquisa histórica é necessário refletir sobre o que compõe essa fonte, lugar em que foi produzido, sua linguagem, a histórica do autor, seu estilo e a sociedade que foi desenvolvida.

Narrativas são uma forma de expressão artística de uma sociedade possuidora de historicidade. Elas constroem uma representação da realidade, formada a partir das concepções dos respectivos autores, e assim, conforme Chartier (1990) não é possível uma obra literária ser desvinculada de seu tempo, nunca será

² “A physician in Paris first described typhoid fever in 1829. The first vaccine to prevent typhoid fever was introduced in 1896. However, availability and widespread use of vaccines against typhoid fever have failed to materialize. As a consequence, especially in developing countries, the disease continues to be a significant problem. Before adequate antibiotic therapy was developed, untreated mortality from typhoid fever was 10%-30%. With the advent of modern medicine and antibiotic therapy, mortality has dropped to approximately 1%-4%.” HOOKER, Edmund e DAVIS, Charles Patrick. *Typhoid Fever (Enteric Fever)*. eMedicine Health, 18 de fevereiro de 2020. Disponível em: https://www.emedicinehealth.com/typhoid_fever_enteric_fever/article_em.htm. Acesso: 11 de junho de 2020.

neutra. Portanto, para o uso da literatura como fonte visando o conhecimento de uma dada realidade, torna-se imprescindível a análise das condições históricas de sua produção. Respondendo o questionamento de forma direta: sim, uma expressão literária pode, e deve, ser usada como forma de representação social e histórica. Ela é uma excelente testemunha de toda uma época, transcrevendo todas as experiências daquele momento histórico.

União operária transforma os anseios de Flora, um ser social cujas ideais são produtos de suas vivências e do seu momento social, em literatura e manifestação política. No início de uma liberdade de imprensa e com todos os empecilhos do “ser mulher”, Tristan consegue explorar e espalhar suas ideias com maestria.

A liberdade de uns se constrói na sujeição de outros

A reivindicação dos direitos naturais da mulher por Flora em *União Operária* é um reflexo do processo que o feminismo seguiu a partir de 1789. A Revolução de 1789, ao destruir o Antigo Regime, ocasionou o que Rosa Cobo e Celia Amorós chamaram de “uma crise de legitimação do patriarcado”³, um enfraquecimento dos poderes tradicionais como consequência dessa Revolução.

Tal constatação encontra-se na crítica que Flora faz à Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1791. Conforme ela, esse documento, elaborado a partir das ideias ilustradas, significou, pela primeira vez na história da Europa, o reconhecimento da igualdade natural de todos os homens ao “legitimar a santidade do princípio da igualdade absoluta”⁴. Mas, em contraste com esse avanço as mulheres, ficaram de fora quando “a declaração dos direitos do homem, ato solene que proclamou o esquecimento e o desprezo que os homens novos faziam delas”⁵.

A meu ver, a declaração não considerava as mulheres como titulares dos direitos nela discorridos e reconhecidos, contradizendo o próprio pensamento ilustrado e universalista da teoria do direito natural o qual a declaração era inspirada. Ao pensar que esse discurso estava sendo utilizado para construir a modernidade, a gravidade dessa exclusão, cujas raízes estão imersas nas teorias do Contrato Social, fica ainda mais evidente. Pois, a forma com que esse contrato era abordado variava de autor para autor, dependendo em grande medida do que cada um entendia ser o estado de natureza e o pacto social.

Jean Jacques Rousseau, o único dos contratualistas que Tristan ataca diretamente, foi o autor mais influente do momento jacobino da Revolução, no qual a mulher francesa saiu perdendo na questão de direitos civis e, segundo María de la Macarena Iribarne González (1990), sua influência se estendeu até

³ AMORÓS, Celia e COBO Rosa, “Feminismo e ilustración”, em AMORÓS, Celia e MIGUEL, Ana de. *Teoría Feminista de la ilustración a la globalización*, tomo 1, *De la ilustración al segundo sexo*, Minerva, Madrid, 2005, p. 114.

⁴ TRISTAN, Flora. *União Operária*, p.87.

⁵ *Idem*, p.124.

mesmo para a redação do Código Civil de 1804. Em seu trabalho, afirma ainda Maríá, as mulheres perdem a presença na evolução dos eventos, pois a partir desse primeiro momento ficam restritas ao espaço privado e sujeitas aos homens, pois, para Rousseau a sujeição da mulher na família era algo natural e, assim, desejável.

Em *União Operária*, a autora propõe aos proletariados da França que repensem e corrijam o erro de não reconhecerem o direito das mulheres, pois, como seus direitos já haviam sido reconhecidos na Constituição de 1791, agora precisam liberar as últimas escravas da sociedade francesa, proclamando:

Nós, proletários franceses, depois de 53 anos de experiência, reconhecemos estar devidamente esclarecidos e convencidos que o esquecimento e o desprezo que se fez dos direitos naturais da mulher são as únicas causas das desgraças do mundo e decidimos expor em uma declaração solene inscrita em nossa constituição seus direitos sagrados e inalienáveis. Queremos que as mulheres conheçam nossa declaração para que elas não se deixam mais oprimir e se degradar pela injustiça e tirania do homem, e que os homens respeitem nas mulheres, suas mães, a liberdade e a igualdade da qual eles usufruem.⁶

É importante ressaltar que Flora Tristan não foi a primeira a abordar o assunto, antes dela outras autoras já haviam reclamado seus direitos. Em 1791, Olympe de Gouges (1748-1793) havia elaborado a Declaração dos *Direitos da Mulher e da Cidadã* exigindo o reconhecimento dos direitos naturais das mulheres.

A mulher como sujeito moral

Tristan escreve o terceiro capítulo do livro *União Operária* para convencer os trabalhadores a apoiar a causa da emancipação da mulher. Acreditava que as mulheres não eram capazes de mudar sua situação por elas mesmas, sem apoio de alguns homens, pois esses, embora trabalhadores, estavam no poder e com seus direitos garantidos. Também tinha consciência de que estes não cederiam os benefícios de que gozavam sem receber nada em troca.

O primeiro argumento que Tristan utiliza para defender essa emancipação é a competência moral das mulheres. Vejamos como ela desenvolve seu argumento.

Na França, na raiz da Revolução Francesa e durante os primeiros anos do século XIX, é imposto o princípio da educação materna e, ao longo do século XIX, a ideia do papel das mães como emissoras dos valores morais da família se tornou ainda mais presente na sociedade.

O discurso da mãe como educadora, muito presente na época de Tristan, tanto na França quanto na Inglaterra, foi radicalizado pela autora. Para ela as mulheres deveriam atuar como “agente moralizantes” dos homens, já que os influenciava desde o seu nascimento até a morte. Com essa ideia, repensar a questão da educação das mulheres era imprescindível para a conquista plena dos direitos dos trabalhadores.

⁶TRISTAN, Flora. *União Operária*, p.130.

Para alcançar a igualdade, Tristan ressaltava em sua obra a necessidade da educação entrar no mundo das mulheres, tanto das proletárias quanto das de classe alta. Ao entrar nesse tema, o seu primeiro objetivo foi o de assinalar as causas que levavam a sociedade a não educar essa parcela da população, e a mais relevante razão era a ideia de que a mulher era “intelectualmente inferior” ao homem, principal argumento dos que defendiam essas concepções. A aceitação e disseminação desse pensamento errôneo, para Tristan, tinha como consequência:

[...]se conclui logicamente que seria perda de tempo lhe proporcionar uma educação racional, sólida, severa, capaz de fazer dela um membro útil para a sociedade. Então ela é educada para ser uma bonequinha boazinha e uma escrava destinada a distrair seu mestre e o servir.⁷

A escassa educação que as mulheres recebiam variava de acordo com a sua posição social e o que se queria para o futuro dessas mulheres. As burguesas aprendiam idiomas, dança e música, mas não se aprofundavam em nenhuma dessas matérias.⁸ Já as mulheres do proletariado eram obrigadas a permanecer em seu devido lugar, ajudando nas tarefas domésticas e, quando atingissem idade o suficiente, entravam no mercado de trabalho como aprendizes.⁹

Mesmo estando presente em todas as camadas sociais, Flora acreditava que esse papel das mulheres era muito mais cobrado nas famílias trabalhadoras. Diferente das destas famílias, os filhos dos ricos possuíam governantas e professoras instruídas “para educar, instruir e lhe ensinar a ciência do mundo”¹⁰.

Para Flora, até que as mulheres tivessem uma educação sólida, elas seriam incapazes de exercer influências positivamente em outros indivíduos.

[...]é tocante sua ignorância e sua incapacidade de educar suas crianças, não tenho nenhuma intenção de fazer acusações contra você ou à sua natureza. Não, eu acuso a sociedade por mantê-las tão incultas, vocês mulheres; vocês mães, que ao contrário têm que ser instruídas e desenvolvidas a fim de poder instruir e desenvolver homens e crianças confiadas a seus cuidados.¹¹

A utilização da posição da mulher de guia moral da família se convertia em um dos principais argumentos de sua reivindicação do direito da mulher a uma boa formação. Para ela, a educação adequada da mulher também era indispensável para que esta fosse uma companheira mais eficiente para o homem e para ser uma trabalhadora mais eficaz, em benefício de seu marido e filhos.

⁷TRISTAN, Flora. *União Operária*, p.114.

⁸TRISTAN, Flora. *Promenades dans Londres ou l'aristocratie & les prolétaires anglais*[1842], quarta edição de François Bédarida, François Maspero, Paris, 1978, p. 265.

⁹TRISTAN, Flora. *União Operária*, p. 116.

¹⁰*Idem*, p.127.

¹¹*Idem*, p. 117.

A educação consolidada teria como principais benfeitores os lares dos trabalhadores, porque além do conhecimento em si, com uma boa educação as mulheres teriam “bons salários”, fazendo com que elas e seus maridos trabalhassem juntos por melhores condições econômicas.

As mulheres deviam receber uma educação tanto intelectual como profissional, para que pudessem se dedicar a qualquer profissão que fossem capazes, levando a uma possível independência econômica dessas, o que se tornou um medo crescente entre os homens. Em nenhum momento Tristan considera que as mulheres parassem de trabalhar, o que ela quer e propõe é que o façam em condições iguais.

A relação entre o casal era também, para Flora, um requisito indispensável para melhorar a situação econômica e social da família trabalhadora: uma vez que a mulher recebia uma boa educação “o homem poderá conversar com ela assuntos sérios, comunicar-lhe seus projetos e trabalhar em formas para melhorar ainda mais sua posição”¹².

A mulher no trabalho

Nos séculos XVII e XVIII, a maior parte das mulheres britânicas e francesas trabalhavam, não somente as da classe trabalhadora, mas também grande parte das que pertenciam às classes médias e a pequena burguesia. O tipo de trabalho realizado pelas mulheres dependia de várias circunstâncias: a classe, o estado civil e onde mora. Mas, mesmo assim, existiam algumas características em comum: o trabalho das mulheres era diferente dos que os homens realizavam, era muito mais flexível no sentido que variava de acordo com as necessidades do negócio familiar e da família.¹³

A obra de Tristan, realizada durante o século XIX, está focada nos trabalhadores urbanos, mas não se pode perder de vista que na França, até a primeira guerra mundial, a maior parte da população vivia e trabalhava no campo, no século XIX a atividade predominante é a agricultura.

No século XIX, a maior parte das mulheres, seja nos campos, no serviço doméstico ou na indústria têxtil e de vestuários, se dedicavam a atividades que tradicionalmente eram consideradas “trabalho de mulher”.

A exclusão da mulher da esfera pública durante o período jacobino teve como base o pensamento roussoniano, conforme já indicamos. O modelo ideal de Rousseau é de uma família de classe média onde as esferas públicas e privadas são claramente delimitadas e o papel da mulher como mãe e esposa do homem exaltados. Essa ideologia teve como resultado a exclusão das mulheres da burguesia do mundo produtivo, até o século XVIII elas eram uma parte ativa nos negócios da família. Flora utiliza suas vivências em Londres para observar com mais profundidade esse fenômeno e escreve “[m]uchas mujeres no saben

¹²TRISTAN, Flora. *União Operária*, p.125.

¹³ GONZÁLEZ, María de la Macarena Iribarne. *Flora trintán y la tradición del Feminismo Socialista*. Tese de doutorado, Instituto de Derechos Humanos Bartolomé de las Casas, Getafe, junho de 2009, p.426.

lanaturaleza Del negocio de su marido o cuál será la profesión de sus hijos, y son por lo general ignorantes del estado de su fortuna”¹⁴.

Na sociedade criada na industrialização, as mulheres se vêem obrigada a entrarem no mercado de trabalho, principalmente na indústria têxtil. A única maneira de manter o domínio do homem sobre a mulher, do viés econômico, era excluindo esse trabalho assalariado ou mantendo os salários tão baixos para que fossem insuficientes para a sua própria subsistência e a de seus filhos. Além dessa discriminação salarial, as mulheres sofriam abusos morais e sexuais.

Essa ideia é reforçada quando percebemos que, quando o marido controlava o trabalho das mulheres e de sua família, os homens não tinham problema nenhum com o fato das mulheres serem economicamente produtivas. A exclusão das mulheres burguesas da produção também seguia a mesma lógica. No momento em que a separação entre os negócios e a família, a mulher ficou excluída e o homem se tornou o único sujeito produtivo e, portanto, independente da família.

Tristan via com clareza que a igualdade nas condições de trabalho era necessária para a igualdade das relações de trabalho. A independência econômica daria à mulher a liberdade para decidir se queria conviver com um homem ou se preferiria ficar sozinha. Naquele momento, elas podiam lutar não só por melhores salários, mas também por uma formação profissional, já que estavam cientes que as desvantagens das trabalhadoras como coletivo eram ligadas a sua falta de preparação, que tinha como raiz, novamente, o assunto da educação, tão abordado pela autora.

No resgate da história das mulheres como trabalhadoras, de uma perspectiva feminista socialista, as abordagens de Flora Tristan são muito valiosas por algumas razões: o contexto, a extensão, a igualdade e o feminismo.

A primeira porque realizou sua análise nas décadas de 1830 e 1840, momento essencial para entender a posterior divisão sexual do trabalho no mundo chamado desenvolvido.

A segunda, porque, diferentemente da maior parte dos estudos que analisam a posição das mulheres no mundo produtivo, tinha uma grande extensão, não se concentrou apenas nas mulheres proletárias, já que considerar as mulheres como uma classe levava em consideração a forma com que a divisão sexual do trabalho, no contexto logo após a Revolução Industrial, afetava as mulheres de diversas classes sociais.

Já em terceiro lugar, Tristan desafiou os dois pilares do discurso que defendia a exclusão das mulheres de certos empregos devido às suas diferenças com os homens: a suposta fraqueza física e a menor produtividade inata da natureza feminina. Dois argumentos que, claramente, influenciaram a divisão sexual do trabalho durante o período. Por fim, analisará as implicações pessoais e familiares que as distinções feitas entre os sexos na indústria geravam nas mulheres e em suas vidas.

¹⁴TRISTAN, Flora. *Promenades dans Londres ou l'aristocratie & les prolétaires anglais* [1842], quarta edição de François Bédarida, François Maspero, Paris, 1978, p. 267.

Em sua obra, Flora também colocou em ênfase que não existia nenhuma relação entre os baixos salários que as mulheres recebiam e seus níveis de produtividade:

É preciso considerar que em todas as profissões exercidas por homens e mulheres a jornada da operária é paga com a metade da jornada do operário, ou se ela trabalha por tarefa, seu pagamento será ainda menor. Não podendo supor uma injustiça tão flagrante o primeiro pensamento que nos vem à mente é: em razão de sua força muscular o homem faz sem dúvida o dobro do trabalho da mulher. Mas não! É justamente o contrário que acontece. – Em todas as profissões em que é preciso destreza e agilidade os dedos das mulheres fazem exatamente o dobro do trabalho dos homens.¹⁵

A desculpa dada para essa injustiça era embasada também na ideia de que as mulheres consumiam menos que os homens:

Sim, não pagamos a elas em função do trabalho que elas realizam, mas em função das poucas despesas que têm, devido às privações que são impostas a elas.¹⁶

A opressão

Para Flora era certo que existia uma fonte de opressão comum a todas as mulheres, independente de sua raça, nacionalidade ou classe social, fora o capitalismo. A convicção da autora de que todas as mulheres estavam unidas pela sujeição não fazia com que ela deixasse de lado o fato de que havia mulheres em posições de maior vulnerabilidade que outras.

Uma das fontes de opressão as mulheres era a religião. A posição de subordinação da mulher ao homem, mantido como dogma por várias religiões, era, sem dúvida, um dos principais apoios do sistema patriarcal. O discurso de Flora focava na religião católica, por ser a mais próxima de sua realidade, sem ignorar o fato de que também era propagado em favor do patriarcado por outras religiões. Para Flora, a única via de redenção oferecida a mulher pela Igreja era a negação absoluta de sua sexualidade, ela precisaria se abster do amor e também da maternidade. Além de oprimir as mulheres de maneira direta com seus discursos, a religião também tinha grande influência no Estado e, conseqüentemente, na sua legislação.

Flora equipara o Estado com a sua legislação. O Estado é patriarcal porque o corpo de suas leis discrimina as mulheres, tirando delas toda possibilidade de desenvolvimento social, como diz Catharine MacKinnon (1995):

El Estado es masculino em el sentido feminista: la veyve y trata a las mujeres como los hombres vem y tratan a las mujeres. O Estado liberal constituye com coacción y autorida del

¹⁵TRISTAN, Flora. *União Operária*, p. 117, nota de rodapé.

¹⁶*Idem*, p. 118, nota de rodapé.

orden social a favor de los hombres como género, legitimando normas, formas, la relación com la sociedad y sus políticas básicas.¹⁷

Os artifícios do discurso patriarcal, para Flora Tristan, eram: no caso da religião os ministros dos cultos e, no caso do Estado, os legisladores. Não há dúvidas a respeito da existência de múltiplos atores sociais, mas é preciso sempre pensar na importância que as opiniões daqueles que detinham a razão no século XIX. Ao menos no ocidente, o discurso dos cientistas naturais tinha muito valor e, muitos deles, seguem argumentando “cientificamente” a inferioridade da mulher.

Outra instituição imprescindível para o sistema patriarcal era a família, ao abordar este assunto Tristan foi muito criticada por diversas autoras feministas, por manter uma visão tradicional. Mesmo que a feminista francesa não dissesse de forma explícita que esta instituição é uma das causas da opressão a mulher, sua análise na sujeição da mulher no matrimônio, e suas propostas de transformação da maternidade, deixavam explícito que haviam transformações necessárias na família, fazendo com que esta fosse um dos obstáculos para a emancipação das mulheres na sociedade.

Convencer os trabalhadores

Em 1843, as palavras de Flora em *União Operária* estavam destinadas a convencer os trabalhadores sobre as vantagens que a igualdade de salários traria para eles, para que os mesmos aderissem à reivindicação:

O marido tendo recebido mais instrução, é o chefe por lei e também graças ao dinheiro que traz para casa, ele se acha (e ele de fato é) superior à mulher, pois ela só aporta o pequeno salário de sua jornada e na casa não passa de uma humilde serva.¹⁸

Em *União Operária*, Flora Tristan utilizou dois argumentos para que os trabalhadores também almejassem a igualdade dos gêneros. A priori utilizou os vínculos parentescos que existiam entre os trabalhadores e as trabalhadoras a fim de conscientizá-los da injustiça que estavam reproduzindo e que iam contra as pessoas que os cercavam:

Operários, vocês não veem que consequências desastrosas resultarão para vocês mesmos de tal injustiça cometida em detrimento de suas mães, irmãs, mulheres e filhas.¹⁹

Em segundo lugar os deixou cientes dos perigos que aceitar essa injustiça podia acarretar para eles mesmos:

O que acontecerá? Que os industriais, vendo as operárias trabalharem mais rápido e pela metade do preço vão demitir a cada dia os operários de suas oficinas para substituí-los por

¹⁷ De acordo com María de la Macarena Iribarne González (2009, p.419 apud MACKINNON, 1995, pp.288 e 289).

¹⁸ TRISTAN, Flora. *União Operária*, p 117 e 118.

¹⁹ TRISTAN, Flora. *União Operária*, p. 118, nota de rodapé.

operárias. [...] Deixa passar uma injustiça, e pode estar certo que ela engendrará muitas outras.²⁰

Os trabalhadores estavam conscientes do perigo que uma mão de obra mais barata significava para seus próprios salários. A resposta encontrada foi colaborar com as mulheres em sua organização para alcançar salários e direitos iguais.²¹

Para Tristan, a unidade de toda classe trabalhadora era um requisito indispensável para acabarem com o sistema de exploração capitalista. Essa unidade só era possível se a dominação sob as mulheres acabasse. A emancipação das mulheres deveria ser completa e devia afetar as estruturas básicas que constituíam o fundamento de sua dominação:

Reclamo direitos para a mulher porque este é o único meio de conseguir sua reabilitação prévia e necessária para que todos os operários sejam eles próprio reabilitados.²²

Em um momento em que os trabalhadores viam a domesticidade como elemento para assegurar o bem estar e a felicidade da família trabalhadora, Tristan apelou a igualdade como única via para alcançar o objetivo:

O marido, sabendo que sua mulher tem *direitos iguais aos seus* não a trataria mais com desdém com o desprezo que se dirige aos inferiores; ao contrário, ele iria tratá-la com o respeito e a deferência que dirigimos *aos iguais*. Então não haveria mais motivo de irritação para a mulher, e uma vez destruída a causa de sua irritação, ela não se mostraria mais rude, nem ardilosa, nem briguenta, nem colérica, nem exasperada, nem maldosa. – Não sendo mais vista em casa como *serva do marido*, mas sim como *associada, amiga, companheira* do homem, naturalmente ela se interessará pela associação e fará tudo o que puder para frutificar o pequeno lar.²³

Considerações finais

Por tanto, as ideias que Flora expressa durante o conjunto de sua obra e, principalmente, no seu livro *União Operária*, deixam claro suas atitudes e reflexões revolucionárias, sempre em prol da libertação feminina. Mesmo um pouco limitada devido ao estabelecimento de papéis de gênero em sua época, Tristan torna evidente a necessidade de olhar a mulher como cidadã ativa da sociedade, exaltando seus papéis dentro do próprio núcleo familiar, tão concreto no século XIX, a indispensabilidade de sua inserção no mercado de trabalho em prol da própria coletividade que a oprimia e excluía desse círculo e, acima de tudo, a mulher como sujeito da educação.

²⁰*Idem*, p. 118, nota de rodapé.

²¹GONZÁLEZ, María de la Macarena Iribarne. *Flora trintán y la tradición del Feminismo Socialista*. Tese de doutorado, Instituto de Derechos Humanos Bartolomé de las Casas, Getafe, junho de 2009. p. 445.

²²TRISTAN, Flora. *União Operária*, p. 123.

²³TRISTAN, Flora. *União Operária*, p. 125.

A luta pelos direitos das mulheres, tendo em vista o machismo intrínseco da sociedade, mesmo com a evolução na conquista do sufrágio ao redor do globo por exemplo, continua sendo constante. O crescimento das teorias feministas, dos estudos da história das mulheres escrita por mulheres e a difusão das ideias feministas nas mídias e redes sociais, através de coletivos e grupos de estudos por exemplo, fez com que o acesso a esses discursos crescesse e assim chegassem a novos meios sociais. Mesmo com essa disseminação o patriarcado continua no poder e a militância de Flora na primeira metade do século XIX continua necessária no século XXI, a luta pela libertação das mulheres precisa continuar forte.

Referências

Fontes

TRISTAN, Flora. *União Operária* [1843]. 3ª edição, São Paulo, editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

_____. *Promenades dans Londres ou l'aristocratie & les prolétaires anglais* [1840], quarta edição de François Bédarida, François Maspero, Paris, 1978.

GROGAN, Susan. *Flora Tristan: Life Stories* [1998]. Taylor and Francis e-Library, 2003. Nova York, NY.

Bibliografia

CAMPOS, Luna. *Algumas notas de pesquisa sobre Flora Tristan: feminismo, socialismo e viagens*. In *Cadernos de Estudos Sociais e Políticos: Dossiê especial "Clássicas"*, v.6, n.11, 2017. Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP) da Universidade do Estado de Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro.

DROZ, Jacques. *(Historia de Europa) Europa: Restauracion y revolucion (1815-1848)*. Editora Siglo XXI, 1983. Madri.

GONZÁLEZ, María de la Macarena Iribarne. *Flora tristán y la tradición del Feminismo Socialista*. Instituto de Derechos Humanos Bartolomé de las Casas. Getafe, junho de 2009.

TORRÃO FILHO, Amilcar. *As peregrinações de uma pária de Flora Tristan e a construção de uma feminista*. In *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 26, n. 1, jan-abr2018.

Recebido em 17/06/20 aceito para publicação em 06/08/20



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.